A HISTÓRIA, CATIVA DA MEMÓRIA ? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais

*Ulpiano T. Bezerra de Meneses**

RESUMO

A crescente popularidade da memória, seja como tema acadêmico, seja como bandeira política, tem obscurecido sua natureza de fenômeno social. A fim de reafirmar sua natureza original, são discutidas três questões: a reificação da memória, suas raízes no presente e aspectos de sua fisiologia. Chama-se a atenção para dois tópicos freqüentemente negligenciados: a amnésia social e, sobretudo, a gestão social da memória. Sugere-se, enfim, que conceitos da Psicologia Social, como o de representações sociais, podem contribuir para o estudo da memória enquanto objeto do conhecimento histórico.

Unitermos: Memória; Memória como fenômeno social; Memória Social; Fisiologia da memória social; Memória versus História.

O tema da memória está em voga, hoje mais que nunca. Fala-se de memória da mulher, do negro, do oprimido, das greves do ABC, memória da Constituinte e do partido, memória da cidade, do bairro, da empresa, da família. Talvez apenas a memória nacional, tantas vezes acuada (e tantas vezes acuadora) esteja retraída. Multiplicam-se as casas de memória, centros, arquivos, bibliotecas, museus, coleções, publicações especializadas (até mesmo periódicos). Os movimentos de preservação do patrimônio cultural e de outras memórias específicas já contam como força política e têm reconhecimento público. Se o antiquariato, a moda retrô, os *revivals* mergulham na sociedade de consumo, a memória também tem fornecido munição para confrontos e reivindicações de toda espécie.

Isto tudo, é claro, é positivo, na medida em que não só reflete a salutar emergência da consciência política, como também recolhe, organiza e conserva

*Diretor do Museu Paulista da USP.

indicadores empíricos preciosos para o conhecimento de fenômenos relevantes e merecedores de análise e apreensão histórica.

Todavia, precisamente para conhecer o campo da memória, é necessário depurá-la de uma série de traços que lhe são vulgarmente atribuídos, para abrir caminho ao crivo da História.

O objetivo deste trabalho é uma espécie de mapeamento de território, para que, reposta a memória na sua condição de fato social, possa ficar melhor definida sua fronteira com a História. Não se trata de balanço crítico do tema, nem de síntese historiográfica sistemática. Trata-se de sinalizar, a partir de escolhas numa já vastíssima bibliografia, a possibilidade de superar os limites da conceituação corrente de memória e suas funções. Para tanto, foram selecionados cinco problemas-chave: a resgatabilidade da memória, o peso do passado, a memória indivisível, a marginalização do esquecimento e, finalmente, as estratégias e a administração da memória. Após o que se poderá reafirmar a natureza diversa de História e memória, malgrado a solidariedade.

O impossível resgate da memória.

A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente. Diz-se, também, que a memória corre o risco de se desgastar, como um objeto friável submetido a uma ação abrasiva; por isso é que precisa não só ser preservada, mas restaurada na sua integridade original. E também se deixa aprisionar pelo esquecimento, pela ocultação, enreda-se em caminhos que não conduzem ao presente; portanto, tem que ser resgatada: como a criança que caiu num poço e não consegue subir à superfície sem o auxílio providencial dos bombeiros. Ou como as lembranças traumáticas que, reprimidas, produzem material patogênico, capaz, todavia, de ser neutralizado na cura psicanalítica, por sua remoção, estrato por estrato, até a luz do dia tal como o arqueólogo desenterra os objetos retidos no solo.(1)

No entanto, nem a memória pode ser confundida com seus vetores e referências objetivas, nem há como considerar que sua substância é redutível a um pacote de recordações, já previsto e acabado. Ao inverso, ela é um processo permanente de construção e reconstrução *um trabalho*, como aponta Ecléa Bosi.(2) O esforço ingente com que costumam investir grupos e sociedades, para fixá-la e assegurar-lhe estabilidade, é por si, indício de seu caráter fluido e mutável. As sociedades de comunicação oral, por exemplo, desenvolveram sofisticadas e eficientes técnicas mnemônicas para evitar variações: o ritmo, a convenção formular, os sistemas de associação, etc. Nem por isso, revelam os especialistas,(3) a tradição se deixa cristalizar: a comunicação

(1) Para caracterização dessa operação da cura psicanalítica, que é consideravelmente diversa do conhecimento histórico, ver U. Bezerra de Menezes. Freud arqueólogo. In: *Atlante*, 3: pp.60-66, 1990; ver também David F.Krell. *Of memory reminiscence and writing*. Bloomington, Indiana University Press, 1990. pp.105-162.

(2) *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo, T.A. Querciroz, 1971. p.7.

(3) Ver J. Goody & I. P. Watt. The consequences of literacy. In: *Comparative Studies in Society and History*, 5: pp.304-45, 1963.

nunca se faz rigorosamente palavra por palavra, mas absorve variações de escala diferenciada. O caso das culturas orais é interessante porque, nelas, o processo de registro e conservação de informação coincide inteiramente com o processo de sua comunicação, socialização.

Por sua vez, os praticantes da História Oral e outras disciplinas que privilegiam as histórias de vida, estão atentos para o fato que uma autobiografia nunca é estática, nem se desenvolve pela simples adição de elementos novos, na sequência do tempo, mas comporta contínuas reestruturações de eventos passados. E, ainda que se mantenham os núcleos fundamentais, os fios condutores, as contingências do presente se integram a todas as dimensões da narrativa. De forma semelhante, a memória de grupos e coletividades se organiza, reorganiza, adquire estrutura e se refaz, num processo constante, de feição adaptativa.(4) A tradição (memória exteriorizada como modelo) nunca se refere a nenhum corpo consolidado de crenças, normas, valores, referências definidas na sua origem passada, mas está sujeita permanentemente à dinâmica social.(5)

Finalmente, a heterogeneidade que pode estar presente na memória individual e, mais amplamente, na de grupos e coletividades, torna seu resgate uma ilusão.

Memória, passado, presente.

Também na voz corrente, a memória aparece como enraizada no passado, que lhe fornece a seiva vital e ao qual ela serve, restando-lhe, quanto ao presente, transmitir-lhe os bens que já tiver acumulado. Ora, como se viu, a memória enquanto processo subordinado à dinâmica social desautoriza, seja a idéia de construção no passado, seja a de uma função de almoxarifado desse passado. A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar.

O caso limite do compromisso da memória com o presente está na memória hábito, que já Bergson caracterizara como automatismo corporal, para distingui-la da memória pura. No entanto, sua significação é mais abrangente, como se vê na formulação de Connerton:

"The habit-memory more precisely the social habit-memory of the subject is not identical with that subject's cognitive memory of rules and codes; nor is it simply an additional or supplementary aspect; it is an essential ingredient in the successful and convincing performance of codes and rules". (6)

No presente, é claro.

Uma reflexão sobre a constituição, em nossa sociedade, da categoria do objeto antigo, objeto histórico, permitirá ressaltar o papel fundante do presente.

(4) Cf. Martin Kohli. Biography: account, text, method. In: Daniel Bertaux, org., *Biography and society. The life history approach in the Social Sciences*. London, SAGE, 1981, pp.61-75.

(5) Ver, p.ex., Eric Hobsbawm & Terence Ranger, orgs. *A invenção das tradições*. Trad. bras., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

(6) Connerton, Paul. *How societies remember*. Cambridge, University Press, 1989, p.36.

O objeto antigo, obviamente, foi fabricado e manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo às contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc.etc. desse tempo. Nessa medida, deveria ter vários usos e funções, utilitários ou simbólicos. No entanto, imerso na nossa contemporaneidade, decorando ambientes, integrando coleções ou institucionalizado no museu, o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido. Assim, por exemplo, todo eventual valor de uso subsistente converte-se em valor cognitivo o que, por sua vez, pode alimentar outros valores que o passado acentua ou legitima. Longe, pois, de representar a sobrevivência, ainda que fragmentada, de uma ordem tradicional, é do presente que ele tira sua existência. E é do presente que deriva sua ambigüidade. Jean Baudrillard, estudando essa categoria para rastrear, no “*sistema dos objetos*” a inserção do passado no circuito da sociedade de consumo, assim vê, não sem um certo desencanto, a ambigüidade do *status* do objeto histórico:

“Deux mouvements inverses: en tant qu’il vient s’intégrer dans le système culturel actuel, l’objet ancien vient, du fond du passé, signifier dans le présent la dimension vide du temps. En tant que régression individuelle, au contraire, c’est un mouvement du présent vers le passé pour y projeter la dimension vide de l’être”.(7)

O presente pode inverter radicalmente o valor original de um objeto passado. Michael Thompson,(8) elaborando sua “teoria do lixo”, demonstrou como, muitas vezes, é o descarte e abandono de um objeto, no passado, que vão justificar especificamente sua tesaurização no presente.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a memória *não dá conta do passado*, nas suas múltiplas dimensões e desdobramentos. E não só, é claro, porque sabemos muito mais do que as memórias vivenciadas no passado poderiam saber, mas sobretudo porque o conhecimento exige estranhamento e distanciamento. Somente a História e a consciência histórica podem introduzir a necessária descontinuidade entre passado e presente: História, com efeito, é a ciência da diferença. Não basta calibrar a oposição de um “*agora*” contra um “*antigamente*”; é preciso identificar a substância passada do passado (aquilo que em inglês se diz “*pastness*”), sem prejuízo dos interesses e direitos do presente. *The past is a foreign country*, é o título do livro em que David Lowenthal investiga como, desde o Renascimento, pôde vir-se consolidando esta percepção do passado como descontinuidade. Este já é o passado da História.(9)

Há também outros aspectos que conviria registrar para melhor esclarecer o presente na ação da memória. Limite-me, aqui, a uma questão que exemplifica a preocupação documental de nossa sociedade e a preparação da memória futura. Não me refiro, apenas, aos interesses individuais, nem às políticas oficiais de abertura de horizontes e intensificação de atuação dos arquivos, na

(7) Baudrillard, Jean. *Le système des objets. La consommation des signes*. Paris, Denoël/Gouthier, 1968, p.92, n.1.

(8) *Rubbish theory. The creation and destruction of value*. Oxford, University Press, 1979.

(9) Lowenthal, David. *The past is a foreign country*. Cambridge, University Press, 1985.

coleta, processamento e difusão dos documentos “*de nascença*”. Tampouco me refiro à multiplicação de monumentos em que, como lembra Le Goff,(10) está sempre inscrita a prescrição do presente para leitura “*correta*” no futuro (característica de que também participam os documentos originados nesta função de registro). Refiro-me, sim, à vertiginosa expansão da memória no campo da cultura material. Excluídas as coleções pessoais, as coleções institucionais (museus, empresas e outros organismos) não se colocam limites, salvo os de ordem prática. Nos museus, sobretudo, a coleta de documentação contemporânea é particularmente significativa e intensa e abrange da amostragem periódica das mercadorias mais vendidas em supermercados até a retenção dos objetos efêmeros (paradoxalmente contrariando sua razão de ser), penetrando todos os desvãos da vida social.(11) O problema não está na generosidade destas iniciativas, mas, do ponto de vista do conhecimento, na sua onerosa serventia, pois, longe de fornecer um caminho aberto aos historiadores do futuro, deles exigirão um penoso trabalho prévio de codificação desse simulacro de presente petrificado em memória - sem dúvida precioso, ao menos para o estudo do imaginário e das mentalidades. Com efeito, a falta de orientação crítica, o predomínio do descritivo, o descompromisso com qualquer problemática previamente delineada fazem com que essa massa enorme de documentos corra o risco de transformar-se num *duplo* fragmentado e parcelar do presente empírico. O extremo seria aquela pulsão documental alucinatória descrita por Michel Melot:

“Imaginons chaque citoyen transformé en collecteur et en conservateur, chaque objet devenant son propre symbole et la nation entière figée dans sa propre image, comme les tableaux vivants au théâtre: le pollen ne s'échappant plus des fleurs mais conservé pour des botanistes futurs, le manuscrit archivé avant la publication, la matrice conservée pour plus de sûreté - dût-elle pour cela n'avoir jamais produit aucun exemplaire. L'Histoire enfin produite pour le seul intérêt des historiens, et pour eux-mêmes bloquée, comme un chirurgien immobilise son patient pour mieux pouvoir opérer”.(12)

Enfim, uma última reflexão sobre a dominação da memória pelo presente pode ter como referência processos patológicos em que não só o passado, mas também o futuro, podem ser eliminados. Um exemplo é fornecido pelo caso famoso de um amnésico, o jovem K.C., que, após acidente cerebral, passou a revelar ausência total de reminiscências pessoais (memória episódica),

(10) Documento/Monumento. In: *Enciclopedia Einaudi*. Torino, G. Einaudi Ed., vol.5, 1978, pp. 38/48.

(11) Para os problemas relativos à documentação contemporânea de cultura material, ver Thomas J. Schlereth. Contemporary collecting for future recollecting. In: *Museum Studies Journal*, 1 (3): pp.23-30, 1984; Edith Mayo. Connoisseurship of the future. In: Fred Schroeder, org., *Twentieth-Century popular culture. In: museums and libraries*. Bowling Green, Bowling Green University Popular Press, 1981, pp.11-24; Goran Rosander. *Today for tomorrow. Museum documentation of contemporary society in Sweden by the acquisition of objects*. Stockholm, SAMDOK, 1980; Gaynor Kavanagh. SAMDOK in Sweden: some observations and impressions. In: *Museums Journal*, 83(1): pp.85-6, 1983; Timothy Ambrose & Gaynor Kavanagh, orgs., *Recording society today*. Edinburgh, Scottish Museums Council, 1987.

(12) Melot, Michel. Des archives considérées comme une substance hallucinogène. *Traverses*, 36: p.14, 1981.

mas permanência, embora lacunosa, de outras lembranças (memória semântica, impessoal). Endel Tulving, um dos estudiosos do caso, observou que o paciente, ainda que incapaz de se *lembrar* de qualquer evento experimentado antes ou depois de seu acidente (“*remembering and recollecting*”) podia *conhecer* muitas coisas sobre si mesmo no passado (“*knowing and recalling*”), mas tal como faria um observador externo. Sua apreensão do tempo enquanto subjetivamente experimentado parece muito comprometida. Mais ainda, tal comprometimento se estende ao futuro:

“Thus, when asked, K.C. cannot tell a questioner what he is going to do later on that day, or the day after, or at any time in the rest of his life. He cannot conjure up images about his future in his mind’s eye any more than he can do so about his past. Without the ability to remember what he has done or to contemplate what the future must bring, K.C. is destined to spend the remainder of his life in a permanent present”.(13)

O que é aqui relevante não são as interferências neurofisiológicas (como as diferentes sedes cerebrais das funções da memória), mas a observação experimental de que a presentificação da existência neutraliza a construção de sua inteligibilidade. A memória é filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto.

Memória individual, coletiva, nacional.

No enfoque principal deste artigo, as distinções entre as diversas categorias propostas para a memória, segundo seu eixo de atribuições, têm presença eventual. Não, porém, que elas sejam secundárias. Ao contrário, convém acentuar alguns traços diferenciais de muita consequência.

As ciências sociais interessam a memória individual somente nos quadros da interação social: é preciso que haja ao menos duas pessoas para que a rememoração se produza de forma socialmente apreensível. É este fenômeno da memória dividida (“*sharing memories*”) que tem relevância. Aliás, a matéria bruta da memória individual pode permanecer latente anos a fio, até que seja despertada por um interlocutor cujo papel, então, não é meramente passivo.(14) Essa dimensão extra-individual tem propiciado às ciências sociais farta exploração da memória individual.(15) A contribuição das histórias de vida tem sido crucial, sobretudo para a análise das mentalidades, como nas obras exemplares de Carlo Ginzburg ou Natalie Davis.(16)

A memória coletiva e a nacional são outras categorias, ambas opostas

(13) Endel Tulving. Remembering and knowing the past. In: *American Scientist*, 77 (4): pp.363-4, 1989.

(14) Situações práticas características podem ser encontradas em Olga R. de Moraes von Simson. Folgado carnavalesco, memória e identidade social-cultural. In: *Resgate*, 3: pp.53-60, 1991.

(15) Ver Daniel Bertaux, org., *Biography and society. The life-history approach in the Social Sciences*. London, SAGE, 1981.

(16) Cf. Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. bras., São Paulo, Companhia das Letras, 1989; Natalie Zemon Davis, *O retorno de Martin Guerre*. Trad. bras., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

à memória individual, mas de maneira diversa.

A primeira é um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados.(17) Melhor que grupos, é preferível falar de redes de interações estruturadas, imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se, precisa permanentemente ser reavivada. É, por isso, que é da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas.

Já a memória nacional que não é a somatoria das diferentes memórias coletivas de uma nação apresenta-se como unificada e integradora, procurando a harmonia e escamoteando ou sublimando o conflito: é da ordem da ideologia. Por isso mesmo, o estado e as camadas dominantes - mas nem sempre - são, como interessados na reprodução da ordem social (a que ela induz e que simbolicamente realiza), os principais responsáveis pela sua constituição e circulação.(18)

A memória nacional é o caldo de cultura, por excelência, para a formulação e desenvolvimento da identidade nacional, das ideologias da cultura nacional e, portanto, para o conhecimento histórico desses fenômenos. Daí ser a questão da identidade nacional, em sua natureza problemática, o tema melhor estudado dentre todos os que se referem à memória social.(19)

Entretanto, são ainda escassos e fazem grande falta estudos que examinem a fisiologia destas categorias de memória e, em particular, as simbioses, adaptações passagens de uma categoria a outra, seja na sua complexa articulação, seja internamente. Dessa maneira, problemas tão graves como, por exemplo, o da apropriação das memórias individuais ou o da “*memória alheia*”, são ainda muito mal compreendidos. Mesmo os mecanismos mais elementares, tais as transferências de memória na circulação de objetos, são conhecidos quase que

(17) Ver, para diversas concepções, Maurice Halbwachs. *La mémoire collective*. Paris, PUF, 2ª ed., 1968; André Leroi-Gourhan. *Le geste et la parole. La mémoire et les rythmes*. Paris, Albin Michel, 1965; Pierre Nora. *Mémoire Collective*. In: J. Le Goff et alii, orgs., *La Nouvelle Histoire*. Paris, CEPFL, 1978; Jacques Le Goff. *Memoria*. In: *Enciclopedia Einaudi*, Torino, Einaudi Ed., vol.8, 1979, pp.1068-1109; ver, ainda, Luis Felipe Baêta Neves, Para uma teoria da memória migrante e Migração e ideologia da memória social. In: *As máscaras da totalidade totalitária. Memória e produções sociais*. Rio de Janeiro, Forense/Universitária, 1988, pp.149-168.

(18) Pierre Nora (Entre mémoire et histoire. In: P. Nora, dir., *Les lieux de mémoire*, I. La République. Paris, Gallimard, 1984, p. XXII) chama a atenção para a substituição, que está em curso desde a década de 30, do estado-nação pelo estado-sociedade, como referencial da memória. Michael Pollak (Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, 3: p.5, 1989), por seu lado, estuda fenômenos de dominação da memória e observa que “*a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e a sociedade englobante*”.

(19) Ver, para nossa sociedade, p.ex., Renato Ortiz. *Cultura popular e memória racional*. In: Leôncio M. Rodrigues et alii, *Trabalho e cultura no Brasil*. Recife/Brasília, ANPPCS/CNPq, 1981, pp.289-302; idem, *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1985; José Reginaldo Gonçalves. *Autenticidade, memória e ideologia nacionais: o problema dos patrimônios culturais*. In: *Estudos Históricos*, 1 (2): pp.264-298, 1988; Afonso Carlos Marques dos Santos. *Memória, história, nação: propondo questões*. In: *Tempo Brasileiro*, 87: pp.5-13, 1986; idem *Da casa senhorial à vila operária: patrimônio cultural e memória coletiva*. *Ib.*: pp. 127-139; U. Bezerra de Meneses. *Identidade cultural e arqueologia*. In: Alfredo Bosi, org., *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo, Ática, pp. 182- 190.

tão só no seu nível empírico imediato. Sirva de exemplo, para ressaltar as lacunas e, ao mesmo tempo, o rico potencial que encerra, o problema do "souvenir". Pouquíssimos avanços se fizeram, mas já há pistas abertas. Assim, Susan Stewart, no esforço de compreender certas metáforas associadas à relação entre linguagem e experiência e, sobretudo, entre a narrativa e seus objetos, introduziu precisamente o tema do "souvenir". Para ela, trata-se de recurso discriminador de experiências. Não precisamos de lembranças de eventos que são repetíveis e não os procuramos. Antes, desejamos lembranças de eventos que sejam "narráveis" ("reportable") e em que a contingência da materialidade seja compensada pela invenção da narrativa. Eis, pois, o papel desses objetos vinculados à memória até no nome:

"Through narrative the souvenirs substitutes a context of perpetual consumption for its context of origin. It represents not the lived experience of its maker, but the "secondhand" experience of his possessor/owner. Like the collection, it always displays the romance of contraband, for its scandal is its removal from its "natural" location...The souvenir is by definition always incomplete...First, the object is metonymic to the scene of its original appropriation...Second, the souvenir must remain impoverished and partial so that it can be supplemented by a narrative discourse..."(20)

Este problema da apropriação e transferência da memória individual (e, em outros termos, da coletiva), transforma-se num dos aspectos críticos - quer como campo de atuação, quer como objeto de conhecimento - do domínio do patrimônio cultural, de premente atualidade.

Amnésia Social.

Se a memória costuma ser automaticamente correlacionada a mecanismos de retenção, depósito e armazenamento, é preciso apontá-la também como dependente de mecanismos de seleção e descarte. Ela pode, assim, ser vista como um sistema de esquecimento programado. Sem o esquecimento, a memória humana é impossível. O famoso conto de Jorge L. Borges, *Funes, o memorioso*(21), transformou-se num emblema da perda da condição humana pela saturação da memória e incapacidade de esquecer, incapacidade de pensar, já que, segundo o próprio Borges, pensar é esquecer uma diferença, generalizar, abstrair.

Infelizmente, a absoluta relevância do tema não inspirou estudos aprofundados a respeito da amnésia social. Com efeito, a amnésia é bem conhecida apenas na bibliografia neurofisiológica, psicológica e psicanalítica. Naturalmente, dispomos do livro de Jacoby, que tem por título, precisamente, *Amnésia Social*. O sub-título, porém ("Uma crítica à Psicologia conformista de Adler a Laing"), já revela que seu interesse cuja legitimidade não se pode contestar levam-no a um campo diverso do nosso. O que ele realiza é o processo

(20) Stewart, Susan. *On longing. Narration of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection*. Baltimore, The Johns Hopkins Press, 1984. pp. 135, 136.

(21) In: *Ficções*, trad. bras. Porto Alegre Globo, 1970.

daquilo que denomina “*obsolescência do pensamento*” ou a “*falsa originalidade*” em Psicologia. A amnésia social tem aí, conseqüentemente, a função de um referencial geral. Por isso mesmo o autor limita-se a cernir nosso tema apenas no capítulo inicial, definindo a amnésia social como o “*esquecimento e a repressão da atividade humana e social que faz e pode refazer a sociedade*”. A memória expulsa da mente pela dinâmica social e econômica da sociedade é vítima de um processo de reificação. Mais ainda, trata-se da forma “*primordial de reificação*”, diz ele, concluindo com uma citação de Horkheimer e Adorno: “*toda reificação é um esquecimento*”.(22)

Esta citação permite-nos assinalar a importante contribuição da Escola de Frankfurt na crítica à substituição das memórias “*encantadas*” pela “*memória oficial celebrativa*”, no processo de metropolização da cidade contemporânea, em que o valor de uso é dominado pelo valor de troca - processo legitimado pela “*razão instrumental, inimiga do passado e da lembrança, que visa acriticamente o futuro e o passado*”.(23)

A falta de estudos sistemáticos e globais tem sido contrabalançada por um grande número de investigações tópicas, embora algumas de amplo alcance. Assim, muitos estudos se dedicaram aos mecanismos explícitos do esquecimento, pela eliminação de seu referencial empírico, principalmente simbólico. É o que se poderia chamar de procedimentos de *damnatio memoriae*, condenação da memória, a exemplo da instituição vigente na Roma Imperial, para contrapor-se, quando conveniente, ao peso da memória epigráfica e monumental. Com a *damnatio memoriae*, que normalmente sucedia, por voto do Senado, ao assassinio de um imperador odiado, apagava-se seu nome de onde quer que estivesse gravado e se proscovia sua menção futura de qualquer ato cerimonial; colocava-se em risco inclusive a eficácia de decisões passadas.(24) A *damnatio memoriae* é frequente em regimes totalitários, seja na sua instalação e preservação, seja na sua desagregação: exemplos são os casos orwellianos ocorridos na Checoslováquia em 1618 e 1948, mencionados por Connerton(25), ou a desestalinização da União Soviética e países satélites, a que se refere Pollak.(26) É certamente a desmontagem, em curso, da União Soviética dará espaço para pesquisas sobre a iconoclastia como reversão da memória.

Outra faixa que tem sido bem servida é a das ocultações, dissimulações, inversões (nem sempre associadas às instâncias de dominação, que ocorrem no campo da memória. Os rituais, como os funerários, são propícios para tanto. Jean Didier Urbain chamou a atenção para uma paradoxal polaridade de funções (lembrança/esquecimento) que o cemitério apresenta no Ocidente:

“Il est une définition” fonctionnelle du cimetière qui est un peu

(22) Jacoby, Russel. *Amnésia Social. Uma crítica à Psicologia conformista de Adler a Laing*. Trad. bras. Rio de Janeiro. Zahar, 1977, p.19.

(23) A expressão é de Olgária C. F. Mattos (A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. In: *Espaço e Debates*, 7: pp.49, out./dez.1982), num estudo da crítica frankfurtiana a esta razão instrumental “*que busca tão somente a eficiência e a produtividade e transforma o indivíduo em instrumento de si própria*” (ib. :p.45), induzindo a amnésia.

(24) Ver Fergus Millar. *The Roman Empire and its neighbours*. London. Duckworth, 2ª ed., 1981, pp23-4.

(25) Connerton, Paul. *op. cit.*, p.14

(26) Pollak, Michael *op. cit.*, p.4.

trop rapidement passée dans le langage courant pour être honnête et qui consiste à dire que le cimetière est un lieu du souvenir, un "parc des ancêtres". Cette définition en cache une autre: le cimetière c'est aussi, avant toute chose et paradoxalement, un lieu d'oubli. C'est par lui, ne l'oublions pas, que s'accomplit fantasmatiquement le rêve de conservation: il est en fait, par excellence, le lieu de la négation des morts en tant que morts (négation de la différence), le lieu réservé à l'oubli de la limitation ontologique fondamentale de l'étant humain, le lieu d'oubli de la réalité biologique, de la pourriture, du néant, de la mort, de l'histoire, du devenir social. Il est, en quelque sorte, le champ public et officiel d'une amnésie collective".(27)

Michel Vovelle, por sua vez, demonstrou como o Iluminismo procurou esquecer a morte.(28) De teor comparável a estes processos de esquecimento são os movimentos vanguardistas, como, por exemplo, o modernismo: "*This combined interplay of a deliberate forgetting with an action that is also a new origin reaches the full power of the idea of modernity*".(29)

Outra vertente de enorme significação na pesquisa, e que se vem desenvolvendo, é a da amnésia na história dos excluídos, dos escravos, mulheres, crianças, operários, minorias raciais e sociais, loucos, oprimidos de todo tipo. Contudo, não é suficiente apenas dar voz aos silenciados. É imperioso detectar e entender as multiformes gradações e significações do silêncio e do esquecimento e suas regras e jogos. Michelle Perrot, que se notabilizou nesta história dos marginais da História, além de registrar o "*silêncio dos arquivos e dos sótãos*" sobre as mulheres, no século XIX, procura acompanhar a memória sexuada, indispensável para manter uma determinada configuração de direitos e obrigações, operando por esquecimentos.(30) A memória familiar, memória do privado, de que as mulheres são fiéis e eficientes guardiãs, duplica, socialmente, a reprodução biológica da família; para tanto, porém, submete-se a exclusões: todo sistema classificatório funciona por inclusão/exclusão.

Chega-se aqui ao núcleo de questões sem as quais o conhecimento da amnésia social ficaria comprometido ou reduzido: o das condições de "*dicibilidade*" da memória, os padrões e conveniências das lembranças, os critérios de credibilidade, utilidade, qualificações, desqualificações, que vigem nas sociedades e grupos historicamente localizados. Podem ser apontados como contribuindo para estes temas, inclusive pela preocupação metodológica, os trabalhos de Michael Pollak, que encontram no artigo "*Memória, esquecimento, silêncio*"(31), um resumo adequado. Para compreender as "*memórias subterrâneas*", ele analisa as dificuldades e bloqueios, as considerações sobre o valor imediato das lembranças compartilhadas ou reprimidas, as possibilidades e impossibilidades de comunicação. Em suma, as condições em que socialmente se produz o silêncio, por pressão coletiva ou

(27) Urbain, Jean-Didier. *La société de conservation. Étude sémiologique des cimetières d'Occident*. Paris, Payot, 1978, p.20.

(28) Vovelle, Michel. org. *Mourir autrefois. Attitudes collectives devant la mort aux XVII e. et XVIII e. siècles*. Paris, Gallimard, 1974.

(29) Paul De Man. *Literary History and literary modernity*. In: *Daedalus*, 91 (2): p.389, 1970.

(30) Perrot, Michelle. *Pratiques de la mémoire féminine*. In: *Traverses*, 40: pp.18-27, 1987.

(31) *Estudos Históricos*, 3: pp.3-15, 1989.

conveniência pessoal, até que a memória possa sair de sua letargia e eventualmente atuar como alavanca para reivindicações. Incluem-se nesse leque as lembranças proibidas (caso dos crimes sob Stalin na União Soviética), indizíveis (caso dos deportados para os campos de concentração nazistas) ou vergonhosas (caso dos alsacianos recrutados à força pelos alemães durante a 2ª Grande Guerra).

A gestão da memória.

De par com a postura, já tratada acima, que ignora o caráter dinâmico da memória, desenvolve-se também a tendência vulgar de reduzi-la objetivamente a seus produtos, vetores ou referenciais. Por isso é que as coleções arquivísticas são tomadas por “*memória da indústria no país*” e relíquias da atividade de comediantes, cenaristas, etc., se transformam em “*memória do teatro*” e assim por diante. Já se vê como é iminente o risco da reificação, acima apontada como forma de esquecimento.

Para cobrir a problemática social da memória é necessário considerar não somente o sistema (os mecanismos, os suportes/vetores/referenciais), os conteúdos (as representações), mas também incluir os agentes e suas práticas. Sobre estes pontos vale a pena dizer rapidamente alguma coisa, para situá-los no conjunto.

Os conteúdos constituem material suficientemente explorado, principalmente sob o prisma da crítica da ideologia. No entanto, muitas vezes, nos estudos históricos, têm-se isolado os conteúdos e as ideologias, desarticulando-os das estruturas e dos processos sociais.

Pode-se dizer que é a ausência de estudos sistemáticos dos suportes da memória que explica, em parte, a utilização metonímica do conceito. Dentre as principais categorias de suporte - a linguagem, o corpo, as cerimônias, os objetos materiais - apenas a primeira mereceu atenção suficiente, em especial no que concerne à palavra narrativa e à passagem do registro oral para o escrito (até os desdobramentos eletrônicos atuais). Esta última questão revela, com clareza, a impossibilidade de analisar tais fenômenos do ângulo apenas instrumental: eles correspondem a mudanças substantivas e generalizadas da memória: com a escrita surge a objetividade derivada da separação entre conhecido e conhecedor, dado e interpretação, lógica e retórica, conhecimento e sabedoria, ser e tempo; reduz-se a fluidez oral/aural pela fixação de um espaço visual; elimina-se, no tempo e no espaço, a concomitância entre fonte e receptor; abrem-se as portas da abstração; da verbalização, agora exclusiva do contexto, deriva o controle da significação (precisão); diferencia-se, internamente, a linguagem (falada, escrita); a administração civil, religiosa, comercial, distingue-se de outros tipos de ação social, etc., etc., etc. - e distancia-se o passado do presente.(32)

Já o conhecimento dos demais vetores da memória é assistemático e

(32) Cf. Walter J. Ong. *Writing restructures thought*. In: Gerd Baumann, org. *The written word. Literacy in transition*. Oxford, Clarendon Press, 1986, pp.23-50. Ver também Jack Goody. *The domestication of the savage mind*. Cambridge, University Press, 1977; idem. *The logic of writing and the organization of society*. Cambridge, University Press, 1986; Alfred Burns. *The power of the written word. The role of literacy in the Western Civilization*. New York, Peter Lang, 1989; Walter J. Ong. *Orality and literacy. The technologizing of the word*. London, Methuen, 1982.

lacunoso. O estudo do corpo e da cerimônia como traços mnemônicos, por exemplo, mal está começando.(33) O estudo dos objetos, apesar da vastíssima bibliografia sobre cultura material, tem significativamente desprezado a problemática da memória. Pouca coisa pertinente poderia ser mencionada, como a obra de Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton,(34) ela própria insuficiente, mas interessada no papel da memória para a configuração da identidade, eventualmente mediada pelos objetos. Muitos aspectos relativos à memória, contudo, estão embutidos em estudos cujo eixo é a formação e manipulação de coleções.(35)

Sem investigação sobre os agentes ativos e passivos da memória e seus papéis sociais - os bardos e rapsodos da epopéia, os escribas e escrivães, feiticeiros, líderes políticos e religiosos, arquivistas, muscólogos, vizinhos, velhos, avós e netos, filhos, testemunhas autorizadas, vigilantes, adolescentes, alunos, recrutas, turistas, etc.,etc.,etc. - debilita-se o estudo da memória. No entanto, de pouca coisa se dispõe entre nós, com algumas exceções relevantes, como o excepcional estudo de Ecléa Bosi sobre velhos (36) ou o de Myriam Moraes Lins de Barros sobre os avós, filhos e netos.(37)

Quanto às práticas, os segmentos anteriores já deixaram várias pistas. Acrescente-se, agora, a necessidade de examiná-las como estratégias e formas de negociação, capazes de estabelecer equilíbrios entre memórias em conflito. Mas tais transações não são alatoriamente flexíveis, nem o passado pode ser considerado um recurso simbólico infinito e plástico. Somente a Antropologia, a meu ver, preocupou-se com este problema, como testemunha o trabalho de A. Appadurai que, numa fórmula feliz, reconhece no passado um "*recurso escasso*". Estudando, na Índia contemporânea, memórias diversas a disputar o controle de santuários, levantou a existência de regras e normas específicas que regulamentam "*the inherent debatability of the past in the present*" (grifo meu) e instituem laços entre os eventos sociais e a ação social (com implicações até na mudança social), funcionando como "*a code for society to talk about themselves and not only within themselves*".(38)

Um conceito capaz de amplo alcance operacional, pois pode articular as práticas, os agentes, os referenciais e os conteúdos da memória é o lugar de memória, na formulação de P. Nora, que reciclou o conceito de locus memoriae produzido pela Antiguidade e Idade Média. Pode ser entendido como um ponto

(33) Paul Connerton, *op. cit.* dá um primeiro tratamento sistemático à problemática das cerimônias comemorativas como ações performáticas, do hábito, dos automatismos corporais - nos quadros da memória. Uma obra como a de Mona Ozouf, *La fête révolutionnaire, 1789-1799*. Paris, Gallimard, 1976, também pode ser considerada como uma das poucas monografias disponíveis que deram atenção ao tema do corpo e da cerimônia como asseguradores de memória.

(34) Csikszentmihalyi, Mihaly & Eugen Rochberg-Halton. *The meaning of things. Domestic symbols of the self*. Cambridge, University Press, 1981.

(35) Cf. F.Raphael & G.Herberich-Marx. Le musée, provocation de la mémoire. In: *Ethnologie française*, 17 (1), 1987; Elizabeth Stillinger. *The Antiques*. New York, A. Knopf, 1980 (ver também nota 7, supra); Thomas J.Schlereth. *Artifacts and the American past*. Nashville, AASLH, 1980; Susanne Kuehler & Walter Melion, orgs. *Images of memory. On remembering and representation*. Washington DC, Smithsonian Institution Press, 1991.

(36) *Op.cit.*

(37) *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987; id. *Memória e família*. In: *Estudos Históricos*, 3: pp.29-42, 1989.

(38) The past as a scarce resource. In: *Man*, NS, 16: p.218, 1981.

de condensação, de sentido material, simbólico e funcional. Na verdade, a visão de Nora é mais cética e limitada, visto como, segundo ele, nossa sociedade forjou os lugares de memória porque já não mais existem os meios de memória, onde ela era vivenciada.(39) A rigor, ainda conforme Nora, a reprodução paroxística de lugares de memória, a que estamos assistindo, deve ser considerada uma patologia de nossa sociedade. A caracterização que ele faz do fenômeno, embora longa, merece transcrição, pelo seu fôlego:

"Ce renversement tient à la prolifération rapide des mémoires collectives, liée, d'une part, aux bouleversements et aux ruptures des sociétés contemporaines et, d'autre part, à la puissance des moyens d'information modernes. Rupture de la guerre de 1914, rupture des économies et des systèmes de vie traditionnelle, rupture des ordres nationaux et coloniaux; massification par les media des événements qui marquent la mémoire et donnent à l'actualité une manière de présence et d'autorité historiques immédiates. Toute l'évolution du monde contemporain - son éclatement, sa mondialisation, sa précipitation, sa démocratisation - tend à fabriquer davantage de mémoires collectives, à multiplier les groupes sociaux qui s'autonomisent par la préservation ou la récupération de leur propre passé, à compenser le déracinement historique du social et l'angoisse de l'avenir par la valorisation d'un passé qui n'était pas jusque-là vécu comme tel. L'histoire s'écrit désormais sous la pression des mémoires collectives: depuis l'histoire 'immédiate', qui hérite de l'événement tel que l'ont constitué les media et constitue à son tour une mémoire collective, jusqu'à l'histoire 'scientifique' elle-même, à laquelle les mémoires collectives dictent ses intérêts et ses curiosités. C'est d'ailleurs ce renversement qui a tant contribué à diversifier l'histoire, à en faire des histoires, et à transformer la discipline en champ de forces idéologiques. Il n'y avait autrefois, au sens que nous leur donnons désormais, ni histoire scientifique ni mass media: c'est ce qui fait la différence du rapport de la mémoire et de l'histoire."(40)

Este quadro apocalíptico precisa ser matizado e se têm que considerar, na fermentação contemporânea da memória, duas direções bem diversas. A primeira é conservadora, vale-se da fetichização, quer para transformar a memória em mercadoria, quer para utilizá-la como instrumento de legitimização potenciada pelo valor "cultural". A segunda, ao inverso, é uma resposta, precisamente, às alienações provocadas pela expropriação da memória e representa pelo menos a emergência de uma consciência política. Se não se exprime como memória vivenciada é talvez porque, na sociedade da economia-mundo, das massas, da indústria cultural, do consumo, a vivência deva ser historicamente reformulada e ainda não tenha encontrado fórmulas de expressão que já nos apareçam como positivas. Também Platão chegou a decretar a morte da memória ideal, quando o alfabeto a deslocou da mente dos homens.

(39) Entre mémoire et histoire. In: *op.cit.*, p.XXXIV.

(40) Mémoire collective. In: *op.cit.*, p.400. Ver também J. Le Goff. Memoria. In: *op. cit.*; Henri-Pierre Jeudy. *Mémoires du social*. Paris, PUF, 1986; G. Narmer. *Mémoire et société*. Paris, Méridiens/Klincksieck, 1987.

Na segunda direção é que tem havido, recentemente, uma mobilização da memória como bandeira política e como combustível para movimentos sociais. Paralelamente, é a própria atividade profissional do historiador que é chamada a integrar essa militância da memória. Paul Thomas, um dos teóricos da História Oral, não esconde o proselitismo dessa modalidade de pesquisa, ao afirmar que, na Europa, ela não é apenas um método, mas sobretudo um movimento.(41) O caráter desse movimento fica patente das declarações e práticas aglutinadas em torno, por exemplo, do *History Workshop Journal* ou do *Popular Memory Group* da Universidade de Minnesota.(42) Para completar este cenário, vale a pena incluir menção a grupos étnicos americanos, australianos e africanos que, apresentando-se como únicos intérpretes legítimos de sua memória, reivindicam também sua gestão museológica integral.(43) Daí uma nova tipologia em que se distingue o “*museu étnico*” dos demais museus antropológicos e arqueológicos.

Memória/História

De todo o exposto até aqui evidencia-se como imprópria qualquer coincidência entre memória e História. A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz.(44) A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para o intercâmbio social. Nessa perspectiva, o estudo da memória ganharia muito se fosse conduzido no domínio das *representações sociais* problemática na qual a Psicologia Social tem investido consideravelmente, nos últimos anos, procurando parâmetros e instrumentos metodológicos para análises de gênese, operações, produtos e funções.(45)

(41) Life histories and the analysis of social change. In: Daniel Bertaux, org., *op. cit.*, p.290.

(42) Ver, por exemplo, Popular Memory Group, *Popular memory: theory, politics, method*. In: Richard Johnson et alii, orgs., *Making Histories. Studies in History writing und politics*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1982, pp.205-252.

(43) Para exemplos, assim como de questões conexas, ver Phyllis M. Messenger, org. *The ethics of collecting cultural property: whose culture ? Whose property ?* Albuquerque, University of New Mexico Press, 1989; P. Gathercole & D. Lowenthal, orgs. *The politics of the past*. London, Unwin Hyman, 1990; R. Layton, org. *Who needs the past ? Indigenous values and Archaeology*. London, Unwin Hyman, 1989; Isabel McBryde, org. *Who owns the past ? Melbourne*, Oxford University Press, 1985.

(44) Ver P.Nora, *opera citata*; J. Le Goff. *Memoria. Op.cit.*

(45) Sínteses capazes de caracterizar o tratamento que a Psicologia vem aplicando ao problema das representações sociais (e do imaginário social) podem ser encontradas em Denise Jodelet, org. *Les représentations sociales*. Paris, PUF, 1989; Robert M. Farr & Serge Moscovici, orgs. *Social representations*. Cambridge/Paris, Cambridge University Press/Éds. de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984; Serge Moscovici, org. *Psychologie Sociale*. Paris, PUF, 1990; W.Doise & A. Palmariadis. *L'étude des représentations sociales*. Lausanne/Neuchâtel, Delachaux & Niestlé, 1986.

Mas do exposto também fica patente que, após o divórcio, nas instâncias acadêmicas, entre memória e História, sobretudo depois que esta passou, cada vez mais, de História-narração a História-problema, as condições atuais de gestão da memória de novo contaminam a História. Sem dúvida, na prática profissional, as exigências políticas e os compromissos científicos não deixarão de colocar dilemas eventualmente embaraçosos. Entretanto, é possível continuar fixando balizas claras para evitar, não a conspurcação de uma hipotética e indefensável pureza, mas a *substituição* da História pela memória: a História não deve ser o duplo científico da memória, o historiador não pode abandonar sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da História.

ABSTRACT

The growing popularity of memory either as an academic subject or as a political banner has obscured its character as a social phenomenon. In order to reaffirm its original nature three issues are discussed: the reification of memory, its roots in the present and aspects of its physiology. Attention is called to two often neglected topics: social amnesia and especially the social management of memory. It is suggested that Social Psychology's concepts, like that of social representations, might help in the study of memory as an object of historical knowledge.

Key words: Memory Social; Memory versus History; Memory as a social phenomenon; Social memory's physiology.